

A FICCIONALIDADE EM SIMONE DE BEAUVOIR: O ROMANCE *A CONVIDADA*

FICTIONALITY IN SIMONE DE BEAUVOIR:
THE NOVEL *SHE CAME TO STAY*

LA FICCIONALIDAD EN SIMONE DE BEAUVOIR: EL ROMANCE *LA INVITADA*

Maira GUIMARÃES*

Resumo: No presente trabalho, trataremos da construção da ficcionalidade presente no romance *A convidada* (1956) de Simone de Beauvoir. Nos pautaremos nos trabalhos da Análise do Discurso Franco-brasileira, mais especificamente, nas abordagens de Mendes (2004) sobre a ficcionalidade e nos estudos de Charaudeau (1983) sobre a noção de efeitos de real e de ficção. Desse modo, buscamos verificar como a obra ficcional de Beauvoir se constrói tanto por meio de elementos que simulam situações possíveis quanto por elementos biográficos, auxiliando, assim, a autora na composição de uma obra filosoficamente existencialista. O romance *A convidada* (1956) se apresenta, portanto, como um importante instrumento para o estudo da construção e constituição da ficcionalidade na obra de Beauvoir.

Palavras-chave: Ficcionalidade; romance; Simone de Beauvoir.

Abstract: The present work, we will deal with the construction of the fictionality present in the novel *She came to stay* (1956) of Simone de Beauvoir. We will focus on the work of Franco-Brazilian Discourse Analysis, more specifically, on Mendes's (2004) approaches to fictionality and in Charaudeau's (1983) studies on the notion of effects of real and fiction. In this way, we seek to verify how Beauvoir's fictional work is constructed both by means of elements that simulate possible situations and by biographical elements, thus assisting the author in the composition of a philosophically existentialist work. The novel *She came to stay* (1956) presents, therefore, like an important instrument for the study of the construction and constitution of the fictionality in the work of Beauvoir.

Keywords: Fictionality; novel; Simone de Beauvoir.

Resumen: En el presente trabajo, trataremos de la construcción de la ficcionalidad presente en la novela *La invitada* (1956) de Simone de Beauvoir. En los debates de Mendes (2004) sobre la ficcionalidad y los estudios de Charaudeau (1983) sobre la noción de efectos de real y de ficción, nos dirigiremos en los trabajos del Análisis del Discurso Franco-brasileño, más específicamente, en los enfoques de Mendes (2004)

* Doutoranda em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: mairaninabh@hotmail.com.

sobre la ficcionalidad y los estudios de Charaudeau (1983). De ese modo, buscamos verificar cómo la obra ficticia de Beauvoir se construye tanto por medio de elementos que simulan situaciones posibles como por elementos biográficos, ayudando así a la autora en la composición de una obra filosóficamente existencialista. La novela *La invitada* (1956) se presenta, por lo tanto, como un importante instrumento para el estudio de la construcción y constitución de la ficcionalidad en la obra de Beauvoir.

Palabras clave: Ficción; romance; Simone de Beauvoir.

Introdução

O livro *L'invitée* (1943), traduzido para o português *A convidada* (1956) foi o primeiro livro publicado por Simone de Beauvoir.

No que diz respeito à concepção do romance, o processo de escrita, para Beauvoir, não se qualifica como fácil; ao contrário, para a escritora, esse ofício é um verdadeiro trabalho cotidiano e, quase sempre, árduo:

Com uma ou duas exceções, todos escritores que conheço lutam enormemente: eu sou como eles. E ao contrário do que se supõe, romance e autobiografia me absorvem muito mais do que um ensaio; eles também não me dão mais alegria. (...) Nós, muitas vezes, fazemos da literatura uma ideia mais romântica. Mas ela requer disciplina porque é algo diferente de uma técnica: a paixão, onde, dizem, uma mania. Ao acordar, uma ansiedade ou um apetite me obriga a tomar imediatamente a minha caneta. Eu obedeco uma ordem abstrata somente nos sombrios períodos em que eu duvido de tudo: nesse momento a ordem pode até romper/ceder (...) E certamente a inspiração joga: sem ela, a assiduidade não serviria para nada. O projeto de expressar certas coisas, de uma certa maneira, nasce, renasce, se enriquece, se transforma caprichosamente. Os ecos em mim; um incidente, de uma imagem, de uma palavra. Acomodando-se/adaptando-se a meu plano, eu levo em conta meus humores/meus impulsos : se eu desejo de repente contar uma cena, discutir um tema, eu faço, sem me sujeitar à ordem estabelecida. Uma vez construída a estrutura do livro, é de bom grado confiar ao acaso: eu sonho, divago, e não apenas na frente do meu papel, mas durante todo o dia, mesmo durante a noite. É sempre antes que eu adormeça ou durante uma insônia que uma frase me atravessa, e que levanto para anotá-la (...) Quando, finalmente, depois de seis meses, um ano ou mesmo dois, eu envio o resultado para Sartre, eu não

estou feliz ainda, mas eu sinto falta de ar: eu preciso de sua severidade/rigidez/seriedade e seus encorajamentos/estímulos para retomar meu impulso (Beauvoir *apud* DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 111, tradução nossa).

Em uma linguagem direta e sem fazer uso de muitas descrições, a autora tece a trama do romance por meio da presença dominante de diálogos e de questionamentos sobre a existência humana.

A biografia de Beauvoir e o romance *A convidada* (1956) se assemelham de tal maneira que, para alguns, é inevitável a comparação entre a vida da autora e a obra por nós selecionada:

Livrement inspirado no trio Sartre-Olga-Castor, este romance tem um novo olhar sobre um sentimento que não o é: o ciúme. Ao contrário de uma Colette que soube em “La Seconde” detalhar a devastação de um ciúme “tradicional”, puramente amoroso e sexual, o romance dá ao ciúme uma dimensão metafísica (DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 30, tradução nossa).

No decorrer da leitura do romance *A convidada* (1956), percebemos a presença de temas universais e inquietantes no que diz respeito à relação que nós assumimos com os outros e com nós mesmos, através dos sentimentos de ciúmes e de liberdade – sentimentos estes considerados por nós, como os principais dentro da narrativa ficcional.

1 Breve resumo da obra *A convidada* (1956)

O romance retrata a rotina de um triângulo amoroso formado pelas personagens Françoise, Xavière e Pierre durante o período histórico que antecede a invasão da França pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Françoise é uma escritora famosa e junto de Pierre, um prestigiado ator, mantém um relacionamento de cumplicidade e, principalmente, de liberdade.

No início da formação do triângulo amoroso, Françoise aceita o sentimento de Pierre por Xavière e tenta convencer a jovem do interior a aceitar a relação amorosa dos três. Françoise, Xavière e Pierre se mostram felizes e completos em relação aos seus sentimentos

e às suas satisfações perante a relação amorosa dos três, até que Xavière resolve trair Pierre com Gerbert, um jovem de vinte anos que trabalha no teatro e é amigo de Pierre e Françoise.

Ao saber do envolvimento de Xavière e Gerbert, Pierre acredita no fato de que a atitude de Xavière não passa de uma vingança, visto que a jovem o pediu para abandonar Françoise e ele recusou a proposta.

Em uma visita à casa de Xavière, Françoise comenta com a jovem que ela e Pierre trocam livros e confidências por correspondências, então, ao aproveitar que Françoise está no banheiro, Xavière vasculha a bolsa da escritora francesa e encontra a chave da gaveta na qual Françoise guarda todas as suas cartas, inclusive as que ela troca com Gerbert. Xavière lê as correspondências que Françoise troca com Gerbert e descobre que os dois tiveram um relacionamento. Então, as duas discutem calorosamente sobre a traição de Françoise com Gerbert e o rompimento de Xavière com Pierre. Depois de discutir com Xavière, Françoise resolve lutar pela sua existência mantendo Xavière ao deixar o gás da cozinha aberto.

No final do romance, Françoise acredita que o seu ato pertence somente a ela, não culpando, portanto, Pierre, Gerbert ou a própria Xavière, como observamos no trecho a seguir:

Ninguém poderia condená-la ou absolvê-la. Seu ato pertencia apenas a ela. “Fui eu quem quis.” Era a sua vontade que, nesse momento, estava se realizando, nada mais a separava de si mesma. Finalmente escolhera. Escolhera a si mesma. (BEAUVOIR, *A convidada*, 1956, p. 503, tradução nossa).

Tal obra ficcional pode ser classificada como filosófica à medida que encontramos questionamentos referentes à existência humana e aos valores éticos, morais e sociais:

“Mantendo o suspense de um bom policial, Beauvoir desvia o romance psicológico em direção à filosofia, mas uma filosofia vivida, não explicitada. Primeira encarnação em sua obra do problema da existência do outro, que a perpassará até o fim” (DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 30, tradução nossa).

Sob a perspectiva da corrente filosófica do existencialismo¹, Beauvoir delinea, principalmente na personagem de Françoise, a inquietude da relação do eu com o outro e a presença da nossa responsabilidade pelos nossos atos e escolhas, não cabendo, portanto, à essência a culpabilidade ou o mérito pelo que somos e vivemos.

2 A ficcionalidade sob a perspectiva da Análise do Discurso Franco-Brasileira

A ficção, ao contrário do que muitos pensam, está presente em nosso cotidiano e nos mais variados gêneros discursivos, não sendo exclusividade de fábulas, contos e romances, como o demonstra Mendes (2004). No entanto, no senso comum, a ficcionalidade é entendida, muitas vezes, como algo que é mentiroso, ou seja, que possui o objetivo de enganar o interlocutor, como é o caso quando dizemos que uma pessoa é um “contador de histórias”. Através do uso dessa expressão popular, podemos constatar que, quase sempre, a ficcionalidade se encontra relacionada à algo que não é fidedigno.

Ao nos apoiarmos na Teoria da Ficcionalidade cunhada por Mendes (2004), coadunamos com a referida autora uma vez que entendemos que a ficção não se encontra no domínio ético e moral da mentira, ela estaria, portanto, veiculada a um espaço discursivo que é lúdico:

- i) A ficção é a simulação de uma situação possível, seja ela de ordem semiolinguística, discursiva (em termos de modo de organização do discurso), psicossocial ou espacial. ii) A ficcionalidade é o mecanismo de produção da ficção, ou da ativação da ficção - seria algo como uma «mise en fiction», por assim dizer. A ficcionalidade pode perpassar qualquer gênero de discurso e pode alterar ou não o estatuto de um texto. Tal alteração dependerá do intuito com o qual a ficcionalidade for utilizada – podendo estar presente em maior ou menor escala. Devemos dizer que o estatuto é externo ao gênero, isto é, encontra-se em um nível situacional já que é o resultado da união

¹ O existencialismo é uma escola de filósofos dos séculos XIX e XX que pregava que o indivíduo não apresenta uma essência que o pré-determina socialmente. Sendo assim, para os pensadores existencialistas, o ser humano é o resultado de suas escolhas e decisões, cabendo somente a ele a responsabilidade de seus atos e a liberdade de sua existência.

de várias das condições de funcionamento da genericidade. Estatutos podem ser classificados em: ficcional, factual e não-factual. Já a ficcionalidade pode ser tanto interna quanto externa ao gênero. (...) v) «Ficcional» é a classificação dada ao estatuto de um texto em que há predomínio de simulação de situações possíveis (MENDES, 2004, p. 117-118).

A ficcionalidade está presente tanto nos romances quanto nas publicidades e ela se manifesta de uma forma diferenciada dependendo de variantes como: a situação de comunicação; o contexto discursivo; a presença ou não de elementos paratextuais; dentre outros elementos que auxiliam na identificação de um discurso como ficcional ou factual.

Ao contarmos um episódio que ocorreu no passado, estamos nos valendo de recursos relativos à ficção, visto que é necessário nos reportamos aos acontecimentos que queremos salientar em nossa narrativa. Pelo fato de todo o tempo nos valermos da ficção devido a necessidade de representação como algo próprio da espécie humana, consideramos essencial o “aprendizado” da ficcionalidade:

Não há nenhuma propriedade textual, sintática ou semântica, que identifique um texto como uma obra de ficção. O que faz dele uma obra de ficção é, por assim dizer, a postura ilocucionária que o autor assume em relação a ele, e essa postura é definida pelas intenções ilocucionárias que o autor tem quando escreve ou compõe o texto, da maneira que seja (SEARLE, 1995, p. 106).

Nos situamos, portanto, na esteira dos pensamentos que consideram importante que tenhamos um conhecimento sobre a ficção, uma vez que ela deve ser estabelecida *a priori* e se define como algo contratual. Caso contrário, o interlocutor não se encontra na capacidade de classificar um discurso como ficcional, uma vez que a presença de algumas marcas linguísticas não atestam a existência da ficcionalidade, em razão de que utilizamos as mesmas palavras para nos valermos de discursos ficcionais ou factuais:

Na nossa opinião, a ficcionalidade perpassaria um grande número de fenômenos que poderiam ser construídos seja através da língua, seja através de outros sistemas. No entanto, pensamos que existem graus de presença da ficcionalidade, ou seja, em alguns casos ela é

preponderante, em outros casos ela somente auxilia a construção de uma produção discursiva (MENDES, 2004, p. 119).

A ficcionalidade se apresenta como um mecanismo de produção que, em alguns casos, não se define como claramente marcada ou evidenciada em um discurso, posto isto, Mendes (2004) nos atenta para o fato de que há quatro tipos, sendo elas: ficcionalidade constitutiva, ficcionalidade predominante, ficcionalidade colaborativa e a factualidade colaborativa.

Gostaríamos de salientar que, no presente artigo, não abordaremos a tipologia da factualidade colaborativa, tendo em vista que o nosso propósito de análise se pauta na ficcionalidade.

A ficcionalidade constitutiva se faz presente em todos os tipos de linguagem. No caso das línguas em geral, observamos que não é necessária a presença do objeto retratado pelo discurso para que possamos entendê-lo, posto que já possuímos uma representação mental de tal objeto:

Trata-se de um tipo simulação encontrado «fora» da esfera do discurso e que, por este motivo, não influenciaria o estatuto - ficcional ou factual - dos gêneros. O mecanismo de simulação, nesses casos, seria constitutivo de tais fenômenos, operaria como um dos elementos de sua produção. Como exemplo, podemos citar a própria relação mundo/palavra. A língua representa os objetos no mundo. Trata-se de uma problemática da Teoria da Referência na qual se postula que as palavras designam classes de coisas e não as coisas elas mesmas. As palavras serviriam, assim, para «representar» as coisas existentes no mundo (MENDES, 2004, p. 131-132).

Tendo em vista as ideias que expusemos sobre a tipologia da ficcionalidade constitutiva e revisitando o discurso filosófico de Platão em sua obra *A República* ([séc.IV a.C]2000), ressaltamos que, ao abordar a questão da divisão entre o mundo sensível e o mundo inteligível, Platão nos atenta para o fato da linguagem se caracterizar como uma representação da realidade e não a realidade.

O artista belga René Magritte (1928-1929) expõe de forma exemplar o que o filósofo grego já havia acentuado quando, na obra em que o pintor retrata um cachimbo, encontramos inscrita a seguinte

frase: “*Ceci n’est pas une pipe*”². Ao aliarmos os estudos filosóficos de Platão ([séc.IV a.C]2000) aos estudos linguísticos de Mendes (2004), buscamos concordar com a referida autora quando afirmamos que tanto a linguagem verbal quanto a linguagem icônica pertencem à tipologia da ficcionalidade constitutiva.

A ficcionalidade predominante abrange a definição tradicional de ficção, uma vez que ela pode ser definida como uma simulação de mundos possíveis, isto é, acontecimentos que poderiam ser possíveis de existir no mundo real:

Tal divisão agruparia os gêneros textuais que possuiriam estatuto ficcional. É um tipo de produção que se constituiria predominantemente de simulações de situações possíveis e seria permeada de efeitos de real e de ficção. Seria interessante ressaltar que qualquer gênero de discurso cujo estatuto seja factual é passível de se transformar em um gênero de estatuto ficcional (MENDES, 2004, p. 141).

O entrelaçamento dos efeitos de real e de ficção auxilia na construção da tipologia da ficcionalidade predominante. Em relação aos efeitos, conforme propõe Charaudeau ([1983]2008) o efeito de real pode ser verificado por meios das figuras: i) do tangível (sentidos); ii) da experiência (vivência própria ou de alguém); iii) do dizer (lugares de evidências institucionalizados ou não); iv) do saber (codificada pelas ciências); v) do fazer (fala injuntiva e/ou performativa), e o efeito de ficção pode ser constatado pela junção das figuras: i) da distância no tempo e no espaço; ii) das desproporções das dimensões (o monstruoso); iii) das desproporções das quantidades (o enorme) e das desproporções das noções (o inacreditável).

Em relação à tipologia da ficcionalidade colaborativa, julgamos conveniente destacar que de acordo com Mendes (2004) ela acontece em gêneros de estatuto factual na qual a ficcionalidade colabora para a constituição do próprio gênero. Nesse caso, podemos citar como um exemplo clássico as publicidades, visto que, para que o produto seja apresentado ao público-alvo, notamos a existência da ficcionalidade.

² “Isso não é um cachimbo.”

É comum encontramos nesse gênero o uso de uma simulação de mundo possível tendo como objetivo a promoção e a venda do produto. Em publicidades de margarina, por exemplo, é frequente a simulação de uma família unida e feliz ao redor da mesa que se delicia com o café da manhã e os benefícios que o produto alimentício pode trazer para a saúde. No entanto, não podemos deixar de sublinhar que, no gênero publicitário, o estatuto se define como factual, cabendo à ficcionalidade uma espécie de auxílio na constituição do discurso. Prova disso é que o produto anunciado pode ser encontrado no mercado.

Tomando como ponto de partida de nosso trabalho o primeiro romance publicado por Beauvoir, concebemos como essencial o estudo no que diz respeito ao discurso ficcional, pois a obra de análise encontra-se presente nesse universo discursivo. Para nós, a ficcionalidade não se caracteriza como algo pertencente à esfera da falsidade ou da invenção, posto que, ao nos ancorarmos nos estudos de Mendes (2004), entendemos, portanto, a ficção como um instrumento capaz de simular mundos e situações possíveis sem necessariamente apresentar como objetivo ludibriar alguém.

3 A ficcionalidade no romance de Beauvoir

O romance *A convidada* (1956) contempla a tipologia da ficcionalidade predominante, dado que abarca diversas simulações de mundo possíveis, trata-se de um gênero literário romanesco e abarca a definição mais corrente sobre o que entendemos por ficcionalidade. Nessa obra, destacamos a existência de diversos efeitos de real e de ficção, cabendo aos efeitos de real a presença da descrição de personagens e de acontecimentos que são próprios da vida pessoal da escritora.

Ao apresentar uma trama que se desenvolve através de um triângulo amoroso composto pelas personagens Françoise, Xavière e Pierre, Beauvoir retrata ficcionalmente a relação existente entre ela, Olga Kosakiewicz e Jean Paul-Sartre:

Em 1935, ela constrói uma amizade com uma aluna, Olga Kosakiewicz, pela qual Sartre manifesta uma paixão não correspondida. A aventura do trio encontra-se transposta no romance *A convidada*. (DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 21, tradução nossa).

Juntamente com a descrição do envolvimento afetivo das três personagens elencadas acima, encontramos também alguns acontecimentos presentes no decorrer da narrativa literária que se assemelham à biografia de Simone, como a ida de Sartre à Alemanha e a comunicação de Beauvoir, exclusivamente por cartas, com os amigos que estavam em trabalho de exercício militar durante a Segunda Guerra Mundial. No que concerne ao primeiro episódio, destacamos o trecho:

Pierre se afastou. Dentro de alguns dias estariam separados. Pierre vestiria um uniforme e se transformaria num soldado anônimo e solitário. Françoise veria o teatro fechado, seus amigos separados. Claude aborrecia-se em Limoges, longe de Suzanne. Élisabeth fitou o horizonte azul, onde vinham fundir-se os verdes e os rosas da planície. Na trágica luz da história, as pessoas surgiam despojadas de seu mistério inquietante. Tudo era calmo; o mundo inteiro encontrava-se em suspenso, e nessa expectativa universal Élisabeth sentia que em seu estado de espírito afinava com a imobilidade da noite. (BEAUVOIR, *A convidada*, 1956, p. 470, tradução nossa)

E, no que concerne ao segundo episódio, sublinhamos a passagem:

- Eu talvez não seja feita para isso, disse ela pensativamente. Mas acho tão vazio procurar manter relações com as pessoas quando elas estão ausentes. Podemos pensar nelas; mas escrever cartas, enviar pacotes...Seria preferível fazer sessões de espiritismo – acrescentou com um muxoxo. Françoise olhou-a com raiva impotente. Não haveria jeito de aniquilar este orgulho insolente? (BEAUVOIR, *A convidada*, 1956, p. 493, tradução nossa)

Tais acontecimentos podem ser entendidos como efeitos de real, uma vez que se pautam na figura da experiência referente à vivência particular da escritora francesa:

A declaração de guerra em setembro de 1939 vem quebrar estes dez anos de felicidade despreocupada. Sartre foi convocado para o serviço de meteorologia, Bost, linha de frente. Angustiado, deixada sozinha em Paris, privada dos pilares de sua vida, Beauvoir se envolve em uma intensa atividade epistolar: cartas diárias a Sartre em

Bost, cartas mais episódicas a vários amigos: é necessário que a comunicação não se rompa. (...) Nós sabemos como Hitler se voltou contra a França em uma ofensiva relâmpago. Em junho de 1940, Sartre foi capturado, enviado para a Alemanha. Bost, atingida em maio, será evacuada. (DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 24-25, tradução nossa).

Para que o sujeito interpretante consiga definir os acontecimentos pertencentes à vida pessoal de Simone – envolvimento em um triângulo amoroso bem como a participação de Sartre e de alguns amigos na Segunda Guerra Mundial – como efeitos de real dentro do livro *A convidada* (1956), é necessário que o leitor se alicerce em conhecimentos de mundo pertencentes à biografia de Beauvoir e ao contexto sócio-histórico mundial.

4 Considerações finais

Os trabalhos de Mendes (2004) e a noção de efeitos de real de Charaudeau (1983[2008]) nos atentam para o fato de que, para que uma obra seja qualificada como ficção, nem sempre é necessário que tenhamos a exclusividade de elementos não factuais, conforme pudemos demonstrar, anteriormente, nos trechos da obra ficcional de Beauvoir. Para Searle (1995, p. 115): “Outra característica interessante da referência ficcional é que normalmente nem todas as referências numa obra de ficção serão fingidos de referência; algumas serão referências reais.” Os efeitos de real, portanto, podem ser qualificados como estratégias que auxiliam na configuração do gênero e que estão presentes no seu interior. Por consequência, a determinação de um discurso como ficcional ou factual é caracterizada por elementos que agem simultaneamente e que não possuem propriedades estáveis.

No romance *A convidada* (1956), a ficcionalidade de Simone se mostra permeada de diálogos e sem muitas descrições das personagens, o que proporciona certo dinamismo na narrativa. Ao tratar de temas universais – os ciúmes, a morte, a culpa, o amor, a fidelidade – Simone propicia ao seu leitor uma leitura que não se qualifica como de entretenimento. Ler os romances de Beauvoir é se defrontar, a todo o momento, com questões emocionais, ideológicas, éticas e morais. Somos convocados a nos retirar do lugar de espectador de uma obra para refletirmos através dos comportamentos e discursos

dos personagens, sejam eles tomados na esfera do feminino ou do masculino, uma vez que ambos são seres humanos que se comportam de acordo com as experiências de vida que tiveram, com os conhecimentos de mundo que apresentam e com as crenças que possuem.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **A convidada**. Tradução de Vítor Ramos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1956.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

DEGUY, Jacques & BEAUVOIR, Sylvie Le Bon de. **Simone de Beauvoir: écrire la liberté**. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

MENDES, Emília. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia; LIMA, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia (orgs.) **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2013. p. 46-126.

MENDES, Emília. **Contribuições ao Estudo do Conceito de Ficcionalidade e de suas Configurações Discursivas**. 2004. 267f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SEARLE, John Rogers. **Expressão e significado**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Recebido em: 10/07/2017

Aceito em: 22/08/2017